



O caso Bruno e a produção de identidades no telejornalismo brasileiro¹

Renata VARGAS²

Gilze BARA³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

As coberturas de casos de repercussão nacional, especialmente quando envolvem celebridades, como jogadores de futebol famosos, constituem-se em uma oportunidade singular para a reflexão acerca da construção ou reconstrução das identidades de personagens no telejornalismo brasileiro. Essa é a proposta desse artigo, que analisa o caso de violência envolvendo o ex-goleiro do Flamengo Bruno a partir de uma reportagem exibida no Fantástico, no dia quatro de julho de 2010. O texto estabelece um diálogo teórico com conceitos e abordagens como identidades, a linguagem da TV, o registro da memória e processos de identificação na mídia.

PALAVRAS-CHAVE: televisão; telejornalismo; identidades; memória.

1 - Introdução

A televisão está presente na maioria dos lares brasileiros e é considerada por muitos a única fonte de informação. O veículo contribui para influenciar na construção ou reconstrução de identidades dos sujeitos, mergulhados na fluidez da época atual. Vivemos um período de transformações constantes que causam mudanças nos padrões de produção de consumo e, dessa forma, produzem identidades novas e globalizadas.

É nesse panorama, contextual e reflexivo, que este artigo vai abordar o papel da televisão e do telejornalismo na construção social da realidade, por meio da oferta de personagens e identidades, especialmente em determinadas coberturas como a de escândalos. O estudo revela como essas características ficam evidenciadas a partir da análise de uma reportagem exibida no Fantástico, da TV Globo, exibida no dia quatro de julho de 2010, que mostra o suposto envolvimento do ex-goleiro do Flamengo,

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG) e Professora de Jornalismo do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (MG), email: renata_vargas9@hotmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG) e Professora de Jornalismo do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (MG), email: gilze.bara@gmail.com



Bruno, no caso do desaparecimento da modelo Eliza Samudio. As representações do programa utilizadas pelos profissionais apontam para o escancaramento de identidades e a construção de outras, a partir das informações divulgadas pela polícia, responsável pela investigação. Para fazer esta análise, serão debatidos temas como identidades, memória e televisão.

2- Identidades

O mundo está em constante transformação que, segundo Anthony Giddens (1991), se “desloca de um sistema baseado na manufatura de bens materiais para outro relacionado mais centralmente com informação” (GIDDENS, 1991, p.12). Esta fase é caracterizada pelo “descontinuísmo” e pela ruptura. Para ele, as sociedades modernas são marcadas por mudanças constantes e rápidas. Entendermos esse aspecto nos auxilia a analisar a modernidade e a noção de deslocamento de tempo e espaço, uma das principais transformações das sociedades modernas. Nas sociedades pré-modernas, o espaço e o tempo coincidiam porque eram dominados pela “presença”. Com o advento da modernidade, esse conceito de presença é arrancado do sujeito que passa a manter relações entre outros de maneira “ausente”.

A interação face a face é substituída pela distância. Giddens (1991) questiona que a separação entre tempo e espaço é crucial para a compreensão do dinamismo da modernidade.

A separação entre tempo e espaço e sua formação em dimensões padronizadas, “vazias”, penetram as conexões entre a atividade social e seus “encaixes” nas particularidades dos contextos de presença. (GIDDENS, 1991, p. 28)

Para Giddens (1991), o fenômeno provocado pelo desencaixe das instituições promove múltiplas possibilidades de mudanças, entre elas, a conexão entre o local e o global – formas impensadas em outras sociedades. Esse novo conceito provoca transformações globais que causam mudanças nos padrões de produção e consumo e, desta forma, produzem identidades novas e globalizadas. Stuart Hall (2001) justifica que essa modernidade, considerada por ele como tardia, leva o surgimento de novas identidades. Bauman (2005) explica que

Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer “natural”, predeterminada e inegociável, a “identificação” se torna cada



vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” a quem possam pedir acesso. (BAUMAN, 2005, p.30)

Ao verificarmos o declínio de velhas e o surgimento de novas identidades, observamos a fragmentação do indivíduo moderno que é atingido na ideia que cada um tem de si próprio como sujeito integrado. Bauman (2005) teoriza que a globalização, ou melhor, a “modernidade líquida” (2005, p.11), afeta a estrutura do sujeito e provoca mudanças irreversíveis. Para ele, os “habitantes do mundo líquido moderno” (2005, p.32) são diferentes. Eles buscam novas referências nas identidades “em movimento” (2005, p.32). A tentativa é manter-se vivo, mas não por muito tempo, já que o mundo atualmente move-se em “alta velocidade” (2005, p.33). Para Canclini (2007), essa velocidade age diretamente na capacidade reflexiva do sujeito, já que ela não permite tempo para avaliações sobre as mudanças simbólicas (2007, p.69). Ele acrescenta que “a cultura é associada a identidades locais e, portanto, imaginada como oposta à globalização. Assim, a opção que se instala é (...) entre globalizar-se e defender a identidade” (CANCLINI, 2007, p.77)

Para Hall (2001), “as identidades modernas estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (2001, p.8). Segundo Bauman (2005), “tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida” (BAUMAN, 2005, p.17). Ele acrescenta que “no admirável mundo novo” (2005, p.33), as seguranças são frágeis. O resultado conduz ao que Hall (2001) denomina de crise de identidade.

A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2001, P.7)

Hall (2001) distingue três concepções diferentes de identidade. O sujeito do Iluminismo, centrado e unificado. Seu núcleo interior emergia quando nascia e permanecia o mesmo por toda a existência. Na segunda concepção, o sujeito sociológico tinha o núcleo interior formado na relação com o outro, caracterizando uma concepção interativa da identidade e do eu. “A identidade (...) preenche o espaço entre (...) o mundo pessoal e o mundo público” (HALL, 2001, p.11), estabiliza os sujeitos e os mundos culturais por ele habitados, contribui para que os sentimentos subjetivos sejam alinhados aos lugares objetivos ocupados pelo indivíduo no mundo social e cultural.



Já a terceira é o sujeito pós-moderno. Antes tido como possuidor de uma identidade unificada e estável, o sujeito estaria se fragmentando, a partir do momento em que é composto não de uma, mas de várias identidades, formadas e transformadas continuamente. O sujeito assume diferentes identidades em diferentes momentos – inclusive identidades contraditórias e cheias de conflito, não unificadas em torno de um eu coerente. É justamente este processo que produz o sujeito pós-moderno, sem identidade fixa, essencial ou permanente. Esses momentos de mudanças e incertezas que produzem as novas identidades podem ser “circunstâncias econômicas e sociais cambiantes” (SILVA, 2000, p. 19).

Hall (2001) completa que essas novas “identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”(HALL, 2001, p.8). Essa representação atua na tentativa de classificar o mundo e nossas relações. Silva (2000) contribui para o pensamento de Hall (2001) e teoriza que

a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (...) Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (SILVA, 2000, p.17)

Sob esse ponto de vista, Stuart Hall (2001) conclui que, para um indivíduo ser incluído, o outro precisa ser excluído, aproximando-se da noção da diferença existente entre um sujeito e o outro. No entanto, é preciso deixar claro que a identidade não é o oposto da diferença. A identidade depende da diferença, uma vez que é marcada por ela. Essa diferença é estabelecida por uma “*marcação simbólica* relativamente a outras identidades” (SILVA, 2000, p.13). Silva (2000) exemplifica que na afirmação das identidades nacionais, essa representação que marca a diferença pode ser vista no uniforme ou bandeira de um País. A identidade também está vinculada a condições sociais e materiais.

O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a prática e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. (SILVA, 2000, p.13)

Bhabha (2003) defende que vivemos nas fronteiras do presente, num “momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras



complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão” (BHABHA, 2003, p.19). Segundo ele, em momentos de transformação histórica, emergem hibridismos culturais, que ganham autoridade a partir da complexa negociação da articulação social da diferença. Os “entre-lugares” (BHABHA, 2003, p.20) são apropriados para a elaboração da subjetividade “que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (2003, p.20).

De acordo com Canclini (2007), a cultura “é o conjunto de processos de produção, circulação e consumo das significações da vida social (2007, p. 78). Na globalização, cita Beatriz Sarlo (2000), abre-se um leque de ofertas. Essa pluralidade reproduz desejos, mitos e condutas, principalmente, entre a juventude.

A cultura jovem (...) é habitada por dois fantasmas: a liberdade de escolha sem limites como afirmação abstrata da individualidade e o individualismo programado. As contradições desse imaginário são as da *condição pós-moderna realmente* existente: a reprodução clônica de necessidades no afã de que satisfazê-las é um ato de liberdade e diferenciação. (SARLO, 2000, p.9)

3 – Memória

Todos guardamos uma história e a história, que pode ser oficial, privilegiada ou não, pode vir repleta de representações ou esconder aspectos que são fundamentais para compreensão do fato. Para Huyssen (2000), alguns discursos podem servir como uma falsa memória ou “simplesmente bloquear a percepção de histórias específicas” (HUYSSSEN, 2000, p.13). Ecléa Bossi (2003) pondera que, muitas vezes, algo é contado pelas classes dominantes e a memória do indivíduo é afetada pela interpretação ou versão que a ideologia desse segmento social dá sobre um determinado acontecimento.

Se a substância memorativa se adensa em algumas passagens, noutras se esgarça com grave prejuízo para a formação da identidade. É grave também nesse processo o ofuscamento perceptivo, ou melhor dizendo, subjetivo, uma vez que afeta o sujeito da percepção. (BOSSI, 2003, p.24)

Na era da informação, Huyssen (2000) lembra que a mídia - desde a imprensa e a televisão até os CD-Roms e a Internet – contribui para que a memória fique cada vez mais disponível. Os perigos, segundo ele, são dois. O excesso de informação pode gerar uma sobrecarga no sistema de memórias e ocasionar o esquecimento; como a mídia



reproduz a memória, o faz com inúmeras possibilidades de representação do real. Huyssen (2000) comenta que “a mídia não transporta a memória pública inocentemente; ela a condiciona na sua própria estrutura e forma” (HUYSSSEN, 2000, p. 22). Nesse aspecto, o registro pode ser feito de forma deturpada e distorcida, já que “tais fenômenos sozinhos não contam toda a estória” (HUYSSSEN, 2000, p.31).

Phillippe Lejeune (2008) tem preocupação semelhante. Quando se fala em registrar a narrativa da própria vida, o autor comenta que essa prerrogativa foi, por muito tempo e persiste até hoje, um privilégio das classes dominantes. A escrita desse relato é cercada de mistério porque ninguém, ao certo, conhece o caminho percorrido para chegar ao ponto final da publicação. Lejeune (2008) confere ao modelo, também chamado por ele como fonte, a responsabilidade de informar e responder as perguntas elaboradas pelo redator, responsável pelo levantamento de dados. Cabe a quem escreve “condensar, resumir, eliminar os resíduos, escolher eixos de pertinência, estabelecer uma ordem, uma progressão” (LEJEUNE, 2008, p.119), ou seja, escolher o tom certo para atrair a atenção de quem estiver consumindo a narrativa.

Por trás do público existe a demanda por algo comovente e sedutor. Exatamente nesse ponto está o fato de o entrevistador-redator ter que utilizar-se de uma via de mão dupla para fazer com que o registro sobreviva: ele vai operar um “vai-e-vem entre essa espécie nebulosa ou de rascunho que é a imagem da vida flutuando na memória e na fala do modelo e as formas de narrativa em curso no mercado” (LEJEUNE, 2008, p.120).

Essa intervenção pode alterar o curso da memória já que a imaginação será um recurso utilizado para que a personagem viva. Outro perigo dessa escrita é que, quanto mais o texto “flui”, menos o leitor é levado ao questionamento. O texto desenvolvido de forma objetiva e vendável o leva a cair na armadilha da evidência. Além disso, a estória precisa de exemplos interessantes. Isso leva o entrevistador a procurar modelos que rendem uma boa estória – o que não significa que eles sejam os legítimos representantes da verdade. O entrevistador, segundo Lejeune, “fatalmente, fará jogo duplo. Não se trata de acusá-lo de hipocrisia, mas, estruturalmente, seu papel é o de agente duplo” (LEJEUNE, 2008, p.156): levar a informação ao público e desempenhar o papel de narrador, conseguindo dados interessantes para, depois, fazer a retransmissão.

Na reportagem do Fantástico, exibida no dia quatro de julho de 2010, encontramos uma abordagem da construção social feita a partir do olhar midiático e desse importante meio de comunicação, a televisão, por intermédio do telejornalismo.



Esse recorte da história repleto de representações vira memória na mente dos telespectadores. O perigo está no fato de o registro incorrer no risco de camuflar aspectos importantes para compreensão assertiva do acontecimento.

4 – Televisão e telejornalismo

Vera França (2009) é convicta da importância do papel que a televisão ocupa no cotidiano. Miller (2009) concorda e teoriza que a televisão é o “grande organizador da vida diária” (2009, p. 18). Para Iluska Coutinho e Christina Musse (2009),

o que se inaugura na contemporaneidade, são novas formas de pertencimento, em que o território, como espaço físico de convívio, cada vez tem menos importância, e em que a tecnologia e os meios de comunicação reorganizam o social, transformando-se na principal argamassa para as cartografias pós-nacionais (COUTINHO; MUSSE, 2009, p. 17)

Coutinho e Musse (2009) acrescentam que a TV recria no imaginário popular o que elas chamam de “cartografias do desejo” e do “poder” (2009, p.19). Miller (2009) recorre a Sarnoff (1942) para analisar que “a TV é uma força muito mais poderosa do que tudo que já conhecemos” (SARNOFF, *apud* MILLER, 2009, p.14) e cita que o veículo possui, “em síntese, uma existência física, uma história como objeto de produção material e de consumo, além da reputação de ser um local de produção de sentido” (MILLER, 2009, p.10)

Para Vera Íris Paternostro (1999), a junção entre as informações visuais e sonoras confere à TV mais credibilidade e atenção por parte do telespectador. A imagem é sua principal característica e, com esse diferencial, a informação e demais formatos televisivos competem com outros meios de comunicação. Para Coutinho e Musse, “os telejornais apresentam e representam a realidade aos brasileiros” (COUTINHO; MUSSE, 2009, p.15) em suas edições. Para o francês, Pierre Bourdieu (1997), a presença da imagem,

[...] tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam *o efeito de real*, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver. Esse poder de evocação tem efeitos de mobilização. Ela pode fazer existir ideias ou representações, mas também grupos. (BOURDIER, 1997, p.28).



Na concepção de Bourdieu, a TV, “que se pretende um instrumento de registro torna-se um instrumento de criação da realidade” (BOURDIER, 1997, p.29). Além das imagens – que levam o telespectador a crer no que vê, das características do texto - que facilitam a assimilação do conteúdo e, portanto, é agradável ao gosto popular, outro fator que mostra a força e a aceitação do veículo é a presença quase maciça dos aparelhos nos lares brasileiros, sendo considerada por muitos a única fonte de informação.

Teixeira (2002) acredita que a TV exerce um poder de sedução no público, independentemente das classes sociais. “Por seu sentido de imediatismo, alimentado e pressionado pelo índice de audiência, estabelece uma vinculação direta com o mundo dos sentimentos, privilegiando as motivações de caráter emotivo” (TEIXEIRA, 2002, p.33).

Em consequência do suposto poder de mobilização, as empresas de comunicação identificaram que a TV, muitas vezes, se comporta como a janela para o mundo (BUCCI, 2007) e, por isso, os veículos passam a exercer influência sobre a opinião pública, através do que é apresentado na programação. Segundo Paternostro (1999), o índice de audiência exerce influência direta na TV. Não importa a relevância do que será noticiado, entende-se que a prioridade das emissoras é o que o telespectador deseja ver.

Para Arbex Júnior (2001), as matérias veiculadas nos telejornais provocam um efeito no público que acredita ser solicitado a cada instante, a tomar partido, emitir opiniões e sair em ataque ou defesa de algo, como reflexo de um fato veiculado nas telas. “A televisão é capaz de mobilizar as pessoas, criar debates e forjar um simulacro de participação”. (ARBEX JR, 2001, p.48). Vera França (2009) completa que “a televisão deve ‘representar’, deve evocar e instalar sentidos, e isto sem causar incômodos ou dificuldades – ela deve ‘escorrer’ significados” (FRANÇA, 2009, p.36). Ela acrescenta que o veículo ser eficiente nesse sentido e, ainda, “tem que fazer sentir – fazer rir, fazer chorar, provocar medo ou comoção” (FRANÇA, 2009, P. 36). Para a autora, a televisão convoca o público a participar da “construção de um ponto de vista geral, um sentido comum, um julgamento coletivo” (FRANÇA, 2009, P. 36).

5 - Estudo de caso



O objeto de análise do presente artigo é a reportagem exibida no Fantástico, programa dominical da TV Globo, no dia quatro de julho de 2010, que aponta o suposto envolvimento do ex-goleiro do Flamengo, Bruno, no desaparecimento da modelo Eliza Samudio. O estudo mostra como o veículo pode ter contribuído para a formação das identidades que veremos a seguir e como ele constrói novas identidades subjetivas utilizando as características que possui de aliar imagens e textos à edição que conduz o pensamento do telespectador a uma conclusão imposta e não reflexiva.

Os apresentadores, Patrícia Poeta e Zeca Camargo, anunciaram a matéria especial sobre o caso do goleiro Bruno, do Flamengo, principal suspeito do desaparecimento da ex-namorada, Eliza Samudio. O VT começa a ser exibido na voz dos apresentadores, que trazem o resumo da notícia. “Você vai saber quem é Eliza, que desde pequena é apaixonada por jogadores de futebol, sonhava em ser modelo e está desaparecida há mais de 20 dias. Amigas contam como ela conheceu Bruno e a história da gravidez que teria despertado o ódio do craque do Flamengo. O pai de Eliza contou ao Fantástico que suspeitava que a filha corria perigo, mas logo depois perdeu o contato com ela”. Nesse ponto, entra parte da entrevista do pai, Luiz Carlos Samudio: “Se tu não conseguir resolver, me chama que vou lá resolver pra você”. Voltam os apresentadores: “Testemunhas relatam festas e orgias no sítio de Bruno. Entramos no quarto onde Eliza morava com o filho antes do desaparecimento. E ouvimos a mulher que acolheu a ex-amante de Bruno quando ela se sentia ameaçada”.

Ao analisar a abertura da matéria, recorremos a Vera França (2009) para verificar que o mundo globalizado traz à dimensão o retorno ao indivíduo, ao pessoal. Para a autora, o que diz respeito à intimidade do outro, ao interesse pela vida privada, transforma-se em conteúdo na TV que “se torna palco da exposição da intimidade de famosos e de comuns. (...) Programas e apresentadores se especializam em prescrever o cotidiano das celebridades, revelar sua vida pessoal, contar seus dramas, radiografar suas emoções” (FRANÇA, 2009, p. 39). As vidas são expostas à interferência dos apresentadores e do público, que se envolve e exerce, muitas vezes, o papel de julgador.

Vera França vai além, com base nos conceitos de celebridade “adquirida” (2009, p.40), que é o resultado das realizações que projetam o sujeito, como é o caso dos esportistas. O goleiro Bruno se encaixa no perfil. Famoso e ídolo de uma das maiores torcidas brasileiras, Bruno Fernandes, ganhou fama e virou capitão do time. Com o provável envolvimento no desaparecimento da ex-namorada, passou a ser, o que França teoriza como celebridade “atribuída” (2009, p.40), que é o resultado da exposição que a



mídia é capaz de proporcionar, numa concentração e saturação de uma representação. Do ponto de vista criminal, ninguém é considerado culpado até que julgado e condenado. Mas a polícia se antecipou, entregou o caso à imprensa que ajudou a taxar: Bruno é o culpado e assume, agora, a identidade subjetiva de “bandido” que “odiou” (segundo a reportagem) a gravidez de Eliza.

Já Eliza pode ter sido influenciada a se identificar por algo transmitido pela mídia que, de acordo com Silva (2000), “nos diz como devemos ocupar uma posição-de-sujeito particular” (SILVA, 2000, p.17). As identidades que a mídia ajuda a construir de modelo são de *glamour* e carreira promissora. Já as de jogador de futebol são riqueza e ascensão social. Talvez por isso, Eliza “desde pequena é apaixonada por jogadores de futebol, sonhava em ser modelo”. O autor acrescenta que o desejo em ocupar uma posição “descreve o processo pelo qual nos identificamos com os outros. Isso explica a ativação dos desejos que faz com que seja possível nos vermos na imagem ou na personagem apresentada na tela” (SILVA, 2000, p.18). Bauman (2005) aborda que o indivíduo na liquidez atual deseja “relacionar-se” ou “pertencer”.

Ele avalia que, atualmente, os sujeitos vivem de um projeto a outro e cada uma das ideias ou iniciativas próprias são de curta duração. Além disso, o autor comenta que a identificação é um fator localizado na estratificação. Na hierarquia global, o leque de ofertas é enorme e os indivíduos passam a escolher entre opções extremamente amplas. De um lado, “as identidades antigas, abandonadas e abominadas” (BAUMAN, 2005, p.45) do outro, as identidades maquiadas e impostas. Muitas vezes, a escolha pode gerar “identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam” (BAUMAN, 2005, p. 44). O que pode ter acontecido com Eliza, em outro ponto da reportagem, que cita que ela teria sido ameaçada e agredida por Bruno ao descobrir que ela carregava um filho supostamente do jogador.

Essa postura comprova uma ruptura de comportamento, típico da fluidez. Na matéria do Fantástico, a reação do goleiro foi enérgica ao saber da gravidez, “que teria despertado o ódio do craque”. Para Silva (2000), “este é um período histórico caracterizado, entretanto, pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento” (SILVA, 2000, p.25). Se, antes, ter um filho era a celebração máxima de contentamento, agora, dar vida a um bebê pode significar uma série de problemas. Observamos nesse ponto que as crises globais da identidade têm a ver com o que Ernesto Laclau (LACLAU *apud* SILVA, 2000, p.29) chamou de deslocamento. Conceitos como o do atleta ser sinônimo de saúde e integridade podem



ter sido colocados de lado, em virtude do deslocamento promovido por essas crises. Bauman (2005) argumenta que as identidades flutuam e o sujeito deslocado está em toda a parte e “Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar” (BAUMAN, 2005, p.19).

O VT segue com o repórter Fred Justo. Surge a figura do “Macarrão”, apelido de Luiz Henrique Romão, apontado pela polícia e identificado na matéria como braço direito do jogador. Ele teria levado o bebê de quatro meses ao sítio de Bruno, em Esmeraldas (MG). As imagens feitas de um helicóptero, que sobrevoou o sítio durante as buscas por pistas de Eliza, reforçam o clima e a imagem de culpado. Nada que comprovasse a culpa de Bruno foi encontrado no sítio. Apesar disso, a identidade de bandido construída pela polícia e reforçada pela mídia permanece na mente dos telespectadores.

Recorremos a Silva (2000) para ilustrar esse trecho da reportagem. Para o autor, a produção de categorias inclui ou exclui os sujeitos do que ele chama de classificação simbólica (2000, p.46), que confere sentido ao mundo social. As oposições binárias auxiliam a manutenção da ordem social. Os indivíduos que transgridem como os criminosos, são “relegados ao status de ‘forasteiros’, de acordo com o sistema social vigente” (2000, p.46). Silva argumenta que a classificação simbólica está relacionada à ordem social.

Por exemplo, o criminoso é um “forasteiro” cuja transgressão o exclui da sociedade convencional, produzindo uma identidade que, por estar associada com a transgressão da lei, é vinculada ao perigo, sendo separada e marginalizada. (SILVA, 2000, p.46)

Independentemente de Bruno, ao final do processo criminal, ser considerado pela justiça culpado ou não, aos olhos do público ele vai ter sempre a identidade de bandido e responsável por qualquer coisa que tenha acontecido a Eliza Samudio (até o momento, considerada desaparecida).

A história possui “ingredientes” necessários para o que a mídia considera como algo que choca e alavanca audiência. Bauman (2005) utiliza a expressão “peões no jogo de alguém” (2005, p.53) para denominar que homens e mulheres deste período fluido e líquido são suspeitos de se transformarem em peças dessa articulação.



Feridos pela experiência do abandono, homens e mulheres desta nossa época suspeitam ser peões no jogo de alguém, desprotegidos dos movimentos feitos pelos grandes jogadores e facilmente renegados e destinados à pilha de lixo quando estes acharem que eles não dão mais lucro. (BAUMAN, 2005, p.53)

Podemos concluir que a mídia posiciona-se como um jogador compondo as peças de um quebra-cabeça que dá lucro e cria identidades, nem sempre reais. Em outro ponto da matéria, o goleiro tem seu perfil traçado, construído por “belas defesas e atitudes polêmicas”. A justificativa para essa conclusão foi uma declaração considerada “infeliz” pelo repórter. Bruno perguntou, ao tentar defender Adriano (também jogador de futebol) que teria brigado com a mulher, “quem nunca saiu na mão com uma mulher”? Após essa fala, o texto da reportagem cita que, “para a polícia, Bruno é o único suspeito do caso”. Na mente do telespectador, essa construção o induz ao mesmo comportamento ofertado pela polícia à imprensa: Bruno é o culpado.

Por outro lado, vem o passado de Eliza, cuja identidade apresentada pela TV é a da menina sonhadora de Foz do Iguaçu, no Paraná, que queria tornar-se modelo, e gostava de jogar futebol como goleira. Nesse trecho da reportagem, agora de Isabelle Ferrari, a equipe do Fantástico vai até a cidade da moça. Ouve testemunhas que revelam o desejo de Eliza, que torcia pelo São Paulo: conhecer o estádio do clube do coração. O sonho realizou-se aos 20 anos, quando mudou-se para a capital paulista. De lá, Eliza partiu para o Rio de Janeiro, onde passou a colecionar fotos ao lado de jogadores de futebol, numa provável demonstração da projeção que fazia para sua vida, na busca incessante por posicionamento na cidade grande. Para Bauman (2005), a construção de uma nova identidade é uma forma de “experimentação infundável” (2005, p. 91). Observamos isso no comportamento de Eliza que tinha adoração pelo mundo do futebol, queria ser modelo e sair do interior para alçar voos nos grandes centros.

Foi no Rio que ela conheceu Bruno que, tempos depois, após descobrir a gravidez da ex-namorada, teria agredido a moça e forçado a tomar algo (que a polícia afirma conter substâncias abortivas), postura que a levou a registrar queixa na delegacia. Para Silva, na ordem simbólica, as mulheres são vistas de forma negativa, ou seja, como “não-homens” e não como “mulheres” (2000, p.66). Talvez por isso, a mídia tenha se aproveitado da fragilidade aparente de Eliza para conduzir a reportagem levando o telespectador a identificá-la como a vítima indefesa. O jogador, depois da denúncia feita por Eliza, passa a ser investigado criminalmente.



No último trecho da reportagem, aparece a mãe de uma amiga de Eliza que abrigou a modelo depois que ela voltou do Rio. As imagens mostram o quarto do bebê e escondem a identidade da mulher, que não quer aparecer. A entrevista, permeada por instantes de choro, e a construção do texto colocando Eliza num patamar superior ao de Bruno contribuem para que o telespectador ratifique as identidades maniqueístas levantadas durante toda a matéria: Bruno é mesmo o bandido e Eliza a vítima indefesa.

6 - Conclusão

O caso envolvendo o ex-goleiro do Flamengo Bruno e a modelo Eliza Samudio pode ser considerado um exemplo sobre como os meios de comunicação atuam na produção das identidades. A mídia fortalece os conceitos e a aura de *glamour* em torno das carreiras profissionais de modelos e jogadores de futebol. Bauman (2005) pondera que ela “fornece a matéria bruta que seus leitores/espectadores usam para enfrentar a ambivalência de sua posição social” (BAUMAN, 2005, p.104). Qual mulher nunca sonhou em ser modelo e qual garoto nunca desejou ser jogador de futebol?

Bruno deixou Ribeirão das Neves, no interior de Minas, para seguir carreira nos grandes centros. Eliza fez o mesmo. A chegada de novas populações para as áreas urbanas, denominadas como migração, e o consequente estabelecimento de novas fontes e modos de trabalho trazem consigo o que Barbero (1997) designa como a “hibridização das classes populares” (1997, p.221). Essa nova parcela da população adquire nova cultura, a cultura de massa, que encontra na mídia algumas de suas formas de ver o mundo. É o discurso de massa que proporciona aos considerados de classes menos favorecidas sonharem o mesmo sonho que os privilegiados financeiramente.

Na televisão, esses ingredientes adquirem o significado de um belo enredo que chama atenção e atrai audiência. Para Beatriz Sarlo (2000), “como o folhetim, a televisão repete uma estrutura, um esquema de personagens” (SARLO, 2000, p. 62). A polícia entregou os personagens do caso à mídia que buscou o sensacionalismo para divulgar os acontecimentos. Na tentativa de buscar o furo, a notícia em primeira mão, e alcançar audiência, notamos que a emissora elimina a preocupação jornalística de aguardar o andamento do processo criminal e denomina os culpados em rede nacional.

É justamente o mercado que dita as regras do jogo. Para Beatriz Sarlo (2000), a base de sua análise é ponderar a ideia da televisão de mercado, que possui uma lógica na qual a repetição (das informações, das imagens) e a velocidade constroem uma forma



de ver o mundo, que não é, necessariamente, a real ou verdadeira, mas a que garante mais audiência e retorno financeiro.

A clareza da linguagem da TV, a organização das imagens e a economia narrativa de seus textos aproximam cada vez mais o veículo do público. Aí está o perigo da televisão. Em busca de mercado, ela leva informações que apontam culpados, julgam pessoas e criam identidades, nem sempre reais. Ao seguir esse caminho, o veículo pode estar cometendo erros irreversíveis. Depois que o goleiro foi apontado como suspeito, como apagar essa identidade caso ele seja inocentado?

A televisão é um dos veículos de maior penetração nos lares brasileiros. Seu conteúdo é consumido por grande parte da população que a utiliza como única fonte de informação. Por isso, o risco de apontar culpados antecipadamente. O veículo tende a ignorar todos esses aspectos. O que mais parece importar é a criação de novos sujeitos e novas identidades que atraiam mais espectadores. Como no mundo líquido moderno das identidades fluidas, o aspecto mais importante, segundo Bauman, “é acabar depressa, seguir em frente e começar de novo” (2005, p.76). E que venham novos “Brunos” e “Elizas” para recheiar a programação da TV e povoar o universo do telespectador.

Referências

- ARBEX JÚNIOR, José. O Espetáculo da Mídia. São Paulo, set. 2007. Disponível em: <http://www.sesctv.com.br/revista.cfm?materia_id=16>. Acesso em: 9 de dez. 2009
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BUCCI, Eugênio. **Multidões integradas ao espetáculo**. São Paulo, abr. 2008. In: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br>. Disponível em: <http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=3252&Itemid=3065>. Acesso em: 9 de dez. de 2009.
- COUTINHO, Iluska; MUSSE, Christina Ferraz. Telejornalismo, narrativa e identidade: a construção dos desejos do Brasil no Jornal Nacional. In: COUTINHO, Iluska; PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo (orgs.). **40 anos de Telejornalismo em Rede Nacional**. Florianópolis: Insular, 2009. p. 15-30.



FRANÇA, Vera V. A Televisão Porosa Traços e Tendências. In: FILHO, João Freire (org.). **A TV em transição. Tendências de programação no Brasil e no mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 27-52.

GARCIA CANCLINI, Nestor. **A globalização imaginada**. Tradução Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Ed.UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LEJEUNE, Phillippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet** / Phillippe Lejeune; organização: Jovita Maria Gerheim Noronha; tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

MACIEL, Pedro. **Jornalismo em Televisão: normas práticas**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzato, 1995.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia** / Jesús Martín-Barbero; Prefácio de Nestor García Canclini; Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

MILLER, Toby. A Televisão Acabou, a Televisão Virou Coisa do Passado, a Televisão Já Era. In: FILHO, João Freire (org.). **A TV em transição. Tendências de programação no Brasil e no mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 9-25

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro, Campus, 1999.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina**. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2000

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** / Tomaz da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

TEIXEIRA, Alex Niche. **A Espetacularização do Violento pela Televisão: o caso do programa Linha Direta**. 2002. 144 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.